

Está na hora de renegociar a dívida

Celso Ming

Neste último fim de semana, o ministro Delfim Neto dizia lá em Nova York que a economia mundial estava desabando. E não ficou apenas por aí: aconselhou a sair debaixo.

Se isso é assim, se a hora é do salve-se quem puder, a teimosa recusa das autoridades econômicas do Brasil a renegociar a dívida externa deve ser entendida mais como uma atitude tática do que estratégica diante dos credores internacionais. Seria absurdo tão grande pensar que o Brasil faz questão de mostrar bom comportamento apenas para não liderar um pelotão qualquer de países internacionalmente falidos?

Meia dúzia de países já começou a dar o seu calote diante dos seus credores. É o caso da Polônia, da Romênia, da Argentina, e, agora, do México, que está literalmente insol-

vente. Apenas Brasil, Argentina e México ostentam hoje uma dívida externa de nada menos que 200 bilhões de dólares e, há alguns meses, apenas a menção da hipótese de que um desses três comparecesse diante da comunidade de credores com o clássico "devo, não nego, pago quando puder" era suficiente para semejar o pânico no mundo financeiro.

Hoje, o pior já está acontecendo. A Argentina não paga suas contas vencidas há quase três meses e o México está na iminência de proclamar uma moratória ou alguma coisa desse jaez. Não é difícil imaginar a magnitude das descargas de adrenalina que vêm hoje sendo injetadas diretamente nas veias do organismo financeiro mundial, principalmente quando se tem em conta que a insolvência dos principais clientes

dos bancos tende a derrubar primeiro os banqueiros.

O ministro Delfim Neto tem feito questão de chamar a atenção para a catástrofe que se delineia no horizonte do mundo, como se dissesse: "Pare de resmungar e de se queixar da vida porque lá fora a situação está muito mais preta do que aqui".

Mas, convenhamos, uma dor de barriga muito mais forte nos outros não chega a consolar quem esteja sentindo uma dor mais fraca, principalmente quando é certo que as cólicas só tendem a crescer. O Brasil não tem por que se preocupar com a maior desgraça alheia porque, se não aparecer, de uma hora para outra, uma droga milagrosa, nos estaremos contorcendo tanto quanto os outros ou muito mais.

É óbvio que o que mais está

passando pela cabeça dos banqueiros internacionais é a idéia de que se isso está acontecendo com o México, um país encharcado de petróleo, ou com a Argentina, um país que produz todo o petróleo que consome, o que será do Brasil, que importa pelo menos 75% do petróleo que queima em sua economia?

Ao contrário, a desgraça dos outros tende a apanhar também o Brasil porque os banqueiros vão, daqui para frente, pensar uma, duas, três, dez vezes antes de estender um papagaio qualquer para a assinatura de um brasileiro. Isso significa que, se não houver um grande acordo salvador, uma forte recessão tenderá a transpor, talvez mais cedo do que se pensa, as fronteiras do País. E uma recessão para valer significa o que já se sabe: mais desemprego, mais perda de renda e de salário...